

## ANÁLISE DE ESAÚ e JACÓ – MACHADO DE ASSIS

PROFESSOR SINVAS

### MACHADO DE ASSIS – ESAÚ e JACÓ

#### REALISMO

O Realismo-Naturalismo reflete o impacto da segunda revolução industrial, do avanço tecnológico e material da Europa, das novas relações da Burguesia/Proletariado e das ideias inovadoras da Biologia e da Sociologia. Marcado pela postura científica do **Positivismo**, de Auguste Comte, pelo **determinismo** de Hippolyte Taine, e pelas Ciências Naturais, de Darwin, Lamarck e Mendel, o movimento revolucionou as Artes e o pensamento ocidental.

O Realismo-Naturalismo representa o mundo real, seus problemas, a partir da **observação** da vida, para **analisar** os conflitos sociais e individuais, apontando as causas e consequências. A análise da realidade visa ao **reformismo crítico**, apontar os problemas da sociedade e do indivíduo.

Os autores do período apresentam em sua obra temas polêmicos como o **parasitismo social**, o **adultério**, a **luta pela ascensão social**, o **anticlericalismo**, a **exploração do ser humano**, as **questões políticas de seu tempo de forma crítica**, **irônica**. Os realistas retratam o mundo que vivenciam, a **contemporaneidade**, ao contrário dos românticos, que preferiam o passado histórico e espaços recriados pela imaginação.

Os personagens do Realismo-Naturalismo **não são idealizados**, predominam neles os defeitos: a hipocrisia, o egoísmo, a mediocridade, a mesquinha. O comportamento do indivíduo é determinado por circunstâncias externas a ele, meio raça e momento, **não há livre arbítrio**, e as relações humanas pautam-se pelo jogo de interesses, pela lei do mais forte em que *os fins justificam os meios*.

É uma **visão pessimista** da vida e do ser humano, sem a grandiosidade e o amor que movia o Romantismo. O discurso realista marca-se pela **objetividade**, pela **linguagem clara e precisa** e revela um mundo e um indivíduo pequeno, incapaz de modificar as circunstâncias que o envolvem.

Gustav Flaubert, com **Madame Bovary**, Charles Dickens, **Oliver Twist**, Eça de Queirós, **O Crime do Padre Amaro**, Émile Zola, **O Germinal**, deram novo rumo à Literatura, representando os conflitos pessoais e/ou sociais de forma crua, chocando o

público, com os temas do adultério, da miséria, da corrupção do clero, rompendo com a visão cor de rosa do Romantismo e introduzindo o mundo cinza do Realismo.

### **MACHADO DE ASSIS – O AUTOR**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, 21 de junho de 1839, o pai era um mulato, pintor de paredes e agregado em uma chácara no Moro do Livramento. Órfão de mãe, criado pela madrasta, não completou os estudos regulares, era autodidata, aprendeu Língua Portuguesa, Latim com o Padre Sarmiento, amigo da família, e mais tarde as línguas inglesa e francesa (traduziu Shakespeare, Pöe e Victor Hugo).

Amigo de intelectuais e políticos como José de Alencar, Manuel A. de Almeida, Joaquim Nabuco, tornou-se o grande nome de sua época e o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Casou-se com D. Carolina Augusta Xavier de Moraes, cinco anos mais velha e peça fundamental de sua vida em uma união sem grandes atropelos e que permitiu ao autor a tranquilidade para sua vida profissional e intelectual.

Sua obra abrange jornalismo, crônicas, crítica, poesias, teatro, contos e romances e apresenta caráter gradativo, evolutivo, indo de poesias, comédias, contos e romances românticos para a fase madura que o consagrou como o criador e maior escritor do Realismo brasileiro e o principal nome de nossa Literatura de todos os tempos.

Foi um homem discreto, sem envolvimento direto nas questões de seu tempo, como a abolição e a República, mas revelou-se crítico, principalmente nas crônicas, apresentando postura cética em relação à maneira como se deu a libertação dos escravos, sem uma política de inclusão, e sobre a proclamação da República, segundo ele, mudou a fachada, o prédio continuava o mesmo.

Sua obra é um dos principais retratos de seu mundo e do ser humano em sua dimensão universal, tornando insignificantes as críticas que recebe de que silenciou em relação a questões políticas. Faleceu no Rio de Janeiro em 29 de setembro de 1908, quatro anos depois da morte da esposa.

### **MACHADO DE ASSIS – A OBRA**

Poesia: **Crisálidas 1864, Falenas 1870, Americanas 1875, Poesias completas incluindo Ocidentais 1901**

Teatro: **Hoje avental, amanhã luva – 1860, Desencantos – 1861, O caminho da porta, 1863, Quase ministro – 1864, Os deuses de casaca – 1866, Tu, só tu, puro amor – 1880, Lição de botânica – 1906**

Conto: **Contos fluminenses 1870, Histórias da meia-noite 1873, Papéis avulsos 1882, Histórias sem data 1884, Várias histórias 1896, Páginas recolhidas 1899, Relíquias de casa velha 1906**

Romances: **Ressurreição – 1872, A mão e a luva – 1874, Helena – 1876, Iaiá Garcia - 1878, Memórias Póstumas de Brás Cubas - 1881, Quincas Borba – 1891, Dom Casmurro – 1899, Esaú e Jacó – 1904, Memorial de Aires – 1908**

A obra de Machado de Assis divide-se em duas fases, Romântica e Realista.

A primeira fase, imatura, é a de preparação, nela estão as sementes que serão depois amadurecidas. Dela fazem parte: Contos: **Contos fluminenses, Histórias da meia-noite;** e os romances: **Ressurreição, A mão e a luva , Helena, Iaiá Garcia.**

A fase madura do autor, a fase realista, é o ponto alto de sua obra, sendo um dos principais painéis da sociedade brasileira da segunda metade do século XIX. São dessa fase: Contos: **Papéis avulsos, Histórias sem data, Várias histórias, Páginas recolhidas, Relíquias de casa velha;** e os romances: **Memórias Póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, Dom Casmurro, Esaú e Jacó, Memorial de Aires.**

Uma análise mais aguçada, porém, coloca os dois últimos romances do autor, **Esaú e Jacó e Memorial de Aires**, como uma outra etapa de sua obra, já que são romances que destoam do Realismo típico, sem abordar questões como o adultério, as relações humanas pautadas unicamente no egoísmo, na mesquinharia e na mediocridade. São romances que abordam conflitos até então vistos apenas na superfície, em segundo plano. Machado de Assis coloca agora no centro dos debates das personagens os grandes temas de sua época como a Abolição e a República.

Apesar de nem sempre se fazer óbvia ao leitor apressado, a referência à história nos romances finais de Machado de Assis se faz marcante, revelando um viés de leitura denso e complexo. **Esaú e Jacó e Memorial de Aires** deixam ver uma sociedade em um período de mudanças, a emancipação dos escravos, a mudança de regime. No entanto, em meio a essas mudanças, pouco parece se alterar de fato: os escravos libertos continuariam a viver dependentes de uma estrutura que os exclui; o regime muda, mas pouco altera o

país. Delineia-se, ainda, uma sociedade que se aliena de momentos decisivos de sua história.

**Esaú e Jacó** é o romance da ambiguidade ao apresentar foco narrativo em terceira pessoa, mas com o enredo filtrado pelo olhar do Conselheiro Aires, observador dos fatos narrados. Este traz ao leitor não apenas os acontecimentos que envolvem os protagonistas, mas também opiniões sutis e sarcásticas sobre a República, a vida econômica e social do fim do fim do século XIX no Rio de Janeiro.

**Esaú e Jacó**, ao representar a ambiguidade humana na figura dos gêmeos Pedro e Paulo, ressignifica também a História de seu tempo e que permanece atual. Os irmãos se opõem, mas em momento algum, Paulo, supostamente transgressor, propõe uma ruptura da Ordem estabelecida. Pertencem ao mesmo estamento e suas tensões apenas mantêm o poder na mesma casa. Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência.

### **ESAÚ e JACÓ – O NARRADOR**

Um dos principais aspectos da obra consiste no papel do narrador. O romance é construído a partir dos escritos deixados pelo Conselheiro Aires e apresentados na Advertência do Autor que abre o livro:

*Quando o Conselheiro Aires faleceu, acharam-se-lhe na secretária sete cadernos manuscritos, rijamente encapados em papelão. Cada um dos primeiros seis tinha o seu número de ordem, por algarismos romanos, I, II, III, IV, V, VI, escritos a tinta encarnada. O sétimo trazia este título: Último.*

*A razão desta designação especial não se compreendeu então nem depois. Sim, era o último dos sete cadernos, com a particularidade de ser o mais grosso, mas não fazia parte do Memorial, diário de lembranças que o conselheiro escrevia desde muitos anos e era a matéria dos seis. Não trazia a mesma ordem de datas, com indicação da hora e do minuto, como usava neles. Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com o seu nome e título de conselho, e, por alusão, algumas aventuras, nem assim deixava de ser a narrativa estranha à matéria dos seis cadernos. Último por quê?*

(...)

*Tal foi a razão de se publicar somente a narrativa. Quanto ao título, foram lembrados vários, em que o assunto se pudesse resumir. Ab ovo, por exemplo, apesar do latim; venceu, porém, a ideia de lhe dar estes dois nomes que o próprio Aires citou uma vez:*

### *ESAÚ E JACÓ*

*Dico, che quando l'anima mal nata*

*Eu digo que quando a alma mal nasceu*

O Conselheiro Aires, sóbrio e equilibrado, coloca sempre a razão acima das paixões. Ao mesmo tempo, narrador e personagem, em uma perspectiva inusitada, desdobra-se em várias vozes. Primeiro como personagem, ator dos fatos enunciados. Como Aires está morto, no momento em que a narrativa se desenrola, assim como Brás Cubas, vê os fatos do outro lado da vida, filtrando-os com a ironia e o descompromisso.

Essa condição permite-lhe a liberdade de questionar a narrativa, dialogar com o leitor, caracterizando-se como narrador intruso. Aires é a figura mais complexa da obra. Por seu olhar os personagens são construídos, com destaque para a inexplicável/enigmática Flora, cujo olhar permite ao leitor compreender que não há distinção entre os gêmeos. Aires, portanto, traz ao leitor as vozes da obra, filtradas por sua voz, que por sua vez representa a voz do próprio Machado de Assis.

#### - ENREDO – RESUMO E ANÁLISE

Penúltimo romance de Machado de Assis, **Esaú e Jacó** desenvolve como conflito principal a rivalidade dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos do casal Agostinho Santos e Natividade e apresenta logo nas primeiras linhas uma das principais marcas do autor, a ironia. Ao narrar a visita de Natividade e Perpétua, respectivamente mãe e tia dos gêmeos protagonistas da obra, ao Morro do Castelo, para consultar a cabocla Bárbara sobre o futuro dos meninos, o narrador parodia o costume grego da consulta ao oráculo.

*Com efeito, as duas senhoras buscavam disfarçadamente o número da casa da cabocla, até que deram com ele. A casa era como as outras, trepada no morro. Subia-se por uma escadinha, estreita, sombria, adequada à aventura. Quiseram entrar depressa, mas esbarraram com dois sujeitos que vinham saindo, e coseram-se ao portal. Um deles perguntou-lhes familiarmente se iam consultar a adivinha. — Perdem o seu tempo, concluiu furioso, e não de ouvir muito disparate...*

## ***Capítulo Primeiro – Coisas Futuras***

Primeiramente, o ceticismo de Machado de Assis, crítico do comportamento humano, confirma que a visita à renomada adivinha do Rio de Janeiro trata-se de uma paródia. Além do que o tom da previsão feita pela cabocla, generalizado e sem embasamento algum, ratifica o humor sutil do autor.

*Bárbara, cheia de alma e riso, deu um respiro de gosto. A primeira palavra parece que lhe chegou à boca, mas recolheu-se ao coração, virgem dos lábios dela e de alheios ouvidos. Natividade instou pela resposta, que lhe dissesse tudo, sem falta...*

— *Coisas futuras! murmurou finalmente a cabocla.*

— *Mas, coisas feias?*

— *Oh! não! não! Coisas bonitas, coisas futuras!*

## ***Capítulo Primeiro – Coisas Futuras***

Natividade, feliz com a predição, deu generosa gorjeta para a cabocla, e mais ainda ao Irmão das Almas, figura típica da época, dedicado a pedir esmolas para celebrar pelas almas do purgatório. As duas irmãs não escondiam a felicidade pela grande revelação feita pela adivinha.

O tema do livro dialoga com a história bíblica dos irmãos Esaú e Jacó, filhos de Isaac e Rebeca, que se tornam rivais a partir do momento em que Jacó, o preferido da mãe, usurpa a primogenitura do irmão. O romance de Machado, porém, vai além da temática bíblica, pois discorre sobre a ambiguidade dos irmãos, que é a eterna ambiguidade do ser humano, ora movido pela razão ora pela emoção. Pedro e Paulo se reconciliam nas mortes de Flora e da mãe, mas terminam em campos opostos: proclamada e afirmada a República, Pedro torna-se republicano e Paulo vai para a oposição. Um quer conservar, o outro move-se pelo desejo constante da mudança.

*E estas são as gerações de Isaque, filho de Abraão: Abraão gerou a Isaque; E era Isaque da idade de quarenta anos, quando tomou por mulher a Rebeca, filha de Betuel, arameu de Padã-Arã, irmã de Labão, arameu.*

*E Isaque orou insistentemente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu.*

*E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi perguntar ao Senhor. E o Senhor lhe disse: Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.*

*E cumprindo-se os seus dias para dar à luz, eis gêmeos no seu ventre.*

*E saiu o primeiro ruivo e todo como um vestido de pelo; por isso chamaram o seu nome Esaú. E depois saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú; por isso se chamou o seu nome Jacó. E era Isaque da idade de sessenta anos quando os gerou.*

*E cresceram os meninos, e Esaú foi homem perito na caça, homem do campo; mas Jacó era homem simples, habitando em tendas.*

*E amava Isaque a Esaú, porque a caça era de seu gosto, mas Rebeca amava a Jacó.*

**Gênesis 25:19-28. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/25>**

Machado de Assis faz uma releitura da rivalidade entre os irmãos, para analisar a ambiguidade humana. Na Bíblia, Esaú e Jacó apresentam diferenças fundamentais. O primeiro é peludo e preferido do pai, enquanto o segundo não tem pelos e é o querido da mãe, além da disputa pela primogenitura.

Machado vai, portanto, muito além da temática bíblica. Discorre sobre a ambiguidade dos irmãos, que é a eterna ambiguidade do ser humano. Pedro e Paulo são idênticos. Vivem em permanente tensão desde a gestação/ab ovo – desde o ovo -, na definição em Latim feita pelo narrador. A diferença fundamental entre os gêmeos consiste na personalidade dissimulada de Pedro, conservador, e no caráter explosivo de Paulo, liberal. A mãe ama igualmente os dois. O pai trabalha pelo futuro de ambos.

O conflito de Pedro e Paulo ilustra a tensão razão e emoção, além de representar os limites tênues da vida política brasileira do final do século XIX, dividida entre liberais e conservadores, republicanos e monarquistas. No entanto, assim como os gêmeos se confundem muitas vezes no decorrer da narrativa, os rivais da política brasileira pouco se diferenciavam em sua prática. Como dizia uma frase célebre na época: nada mais conservador que um liberal no poder.

A primeira parte do livro, do capítulo I ao capítulo XXV, representa a infância e adolescência dos gêmeos, e os respectivos conflitos infantis e juvenis. Quando crianças disputavam os carinhos da mãe e brigavam por discordarem da causa das sombras da lua. Na adolescência, a maior energia levou a conflitos mais violentos e a maiores preocupações de Natividade.

O ponto alto das adversidades juvenis se deu quando compraram duas gravuras representando Luís XVI e Robespierre. Pedro já se assumira conservador e monarquista, e Paulo defendia ferrenhamente a República; sendo, pois, liberal. Pedro ficou indignado porque o valor de seu Luís XVI foi inferior ao valor pago por Paulo pelo líder da Revolução Francesa. Chegaram às vias de fato no quarto, provocando intenso sentimento de tristeza na mãe.

Ao irem para a faculdade, veio a separação forçada, vez que Paulo foi cursar Direito em São Paulo, e Pedro Medicina no Rio de Janeiro. Pouco se encontravam e amadureciam, portanto conflito físico não mais ocorreu, havendo até um ponto de concórdia em 1888, ambos apoiaram a Abolição. Porém. Pedro considerou um ato de justiça, enquanto Paulo declarou que era o início de uma revolução.

Enquanto despertavam para a vida, para as aventuras mundanas da rua, para a vida acadêmica, despertou neles o sentimento amoroso, e o óbvio aconteceu. Ambos se encantaram por Flora, a filha de um casal de políticos amigos dos pais. A moça correspondia a ambos desde o primeiro momento e várias vezes, por diversão ou por sinceridade, confundia os dois.

*Já então os dois gêmeos cursavam, um a Faculdade de Direito, em São Paulo; outro a Escola de Medicina, no Rio. Não tardaria muito que saíssem formados e prontos, um para defender o Direito e o torto da gente, outro para ajudá-la a viver e a morrer. Todos os contrastes estão no homem. Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política.*

#### *Capítulo XXXV – Em volta da moça*

Flora era uma figura imprecisa, inexplicável na opinião do Conselheiro Aires, o diplomata aposentado, amigo das famílias da moça e dos rapazes, de quem mais tarde se tornou espécie de preceptor.



— *Inexplicável é o nome que podemos dar aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, mais tinta, outra tinta, muita tinta, pouca tinta, nova tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem a choupana choupana. Se se trata então de gente, adeus. Por mais que os olhos da figura falem, sempre esses pintores cuidam que eles não dizem nada. E retocam com tanta paciência, que alguns morrem entre dois olhos, outros matam-se de desespero.*

### **Capítulo XXXIV – Inexplicável**

Paralela à narrativa principal, desenvolvem-se as micronarrativas do romance. O casamento dos pais, por exemplo, é apresentado como uma relação tranquila, sem o jogo de interesses, o adultério, que caracterizam os romances anteriores do autor. O pai, que enriqueceu no mundo das especulações financeiras, é diretor de banco e capitalista, condição equivalente a agiota. A mãe, quando moça bonita e inteligente, agora senhora elegante e cheia de energia, sempre dedicada à criação dos filhos.

Faz parte da família Perpétua, irmã de Natividade. Ela escolhe o nome dos sobrinhos. Amigo da família, o espírita Plácido se contrapõe à cabocla do Castelo e é contestado pelo Conselheiro Aires. Este personagem representa em muitos aspectos a voz do autor. Questionador, cético, culto, sem filhos, teve uma paixão por Natividade, superada ao perceber o desinteresse dela. Esse fato afastou-o de Perpétua também.

Casou-se mais pela necessidade da carreira escolhida, a diplomacia. Viúvo, ao voltar ao Brasil, preferiu não viver com sua irmã e cultivar as amizades e a solidão. Depois de uma conversa com Natividade, é convidado por ela para ser espécie de preceptor de Pedro e Paulo. O que acontece a partir do Capítulo XLIV.

Os dois rapazes estão na faculdade e se encontram apenas no período de férias. Os confrontos são menos intensos e limitam-se à divulgação das ideias liberais de Paulo. A mãe se preocupa com tais manifestações, que poderiam prejudicar o futuro do filho. Enquanto isso Pedro, mais envolvido com a faculdade, ocupa-se menos de política e está mais próximo de Flora.

Ao final de 1889, Flora se preocupa com a possibilidade de o pai ser nomeado presidente de província e ela se afastar dos gêmeos. Os liberais estão no poder e há a possibilidade de um terceiro reinado na pessoa da princesa Isabel. O grande acontecimento é o baile da Ilha Fiscal. Os rapazes não vão. Pedro está encantado com o

curso, e Paulo está em São Paulo. Logo após o baile, a proclamação da República. Pedro se decepciona, recolhe-se em casa. Paulo celebra, está nas ruas, vai ao baile da República.

Encontra-se aqui um dos momentos mais irônicos do romance:

— *A república está proclamada.*

— *Já há governo?*

— *Penso que já; mas diga-me V. Excia.: ouviu alguém acusar-me jamais de atacar o governo? Ninguém. Entretanto... Uma fatalidade! Venha em meu socorro, Excelentíssimo. Ajude-me a sair deste embaraço. A tabuleta está pronta, o nome todo pintado. — "Confeitaria do Império", a tinta é viva e bonita. O pintor teima em que lhe pague o trabalho, para então fazer outro. Eu, se a obra não estivesse acabada, mudava de título, por mais que me custasse, mas hei de perder o dinheiro que gastei? V. Excia. crê que, se ficar "Império", venham quebrar-me as vidraças?*

— *Isso não sei.*

— *Realmente, não há motivo; é o nome da casa, nome de trinta anos, ninguém a conhece de outro modo.*

— *Mas pode pôr "Confeitaria da República"...*

— *Lembrou-me isso, em caminho, mas também me lembrou que, se daqui a um ou dois meses, houver nova reviravolta, fico no ponto em que estou hoje, e perco outra vez o dinheiro.*

### ***Capítulo LXIII – Tabuleta Nova***

Proclamada a República, formados ambos, dividindo novamente o aposento na casa paterna, como também as atenções de Flora, cada vez mais envolvida pelos gêmeos e cada vez mais indefinida.

Surgem dois outros pretendentes, imediatamente descartados. Gouveia, funcionário público, e Nóbrega, o Irmão das Almas, a quem Natividade generosamente deu dois mil réis ao descer do Morro do Castelo. Nóbrega abandonara a função, acumulou capital em um tempo fora da Corte e finalmente enriqueceu, beneficiando-se do Encilhamento.

Flora fora passar alguns dias na casa de D. Rita, a irmã de Aires, vizinha de Nóbrega. Encantado com a moça, este pediu-a em casamento. Recusado, percebeu de imediato que a moça estava doente. Dito e feito. Ela morreu poucos dias depois.

Após a morte de Flora, e diante da mãe, Pedro e Paulo prometem não mais produzirem conflitos. Dura pouco tempo. Depois de se estabelecerem profissionalmente na Corte, os dois vão à sepultura de Flora e se despedem da moça. A partir desse momento, entrarão na vida pública, seguindo a vocação natural de cada:

*A razão parece-me ser que o espírito de inquietação reside em Paulo, e o de conservação em Pedro. Um já se contenta do que está, outro acha que é pouco e pouquíssimo, e quisera ir ao ponto a que não foram homens. Em suma, não lhes importam formas de governo, contanto que a sociedade fique firme ou se atire para diante.*

*Conselheiro Aires – Capítulo CXV*

Pedro se assume republicano, Paulo passa à oposição. Ambos se elegem deputados.

## **CARACTERÍSTICAS DO AUTOR OBSERVADAS EM TEXTOS**

### **- Digressão:**

#### **CAPÍTULO XLVI ENTRE UM ATO E OUTRO**

Aqueles almoços repetiram-se, os meses passaram, vieram férias, acabaram-se férias, e Aires penetrava bem os gêmeos. Escrevia-os no Memorial, onde se lê que a consulta ao velho Plácido dizia respeito aos dois, e mais a ida à cabocla do Castelo e a briga antes de nascer, casos velhos e obscuros que ele lembrou, ligou e decifrou.

Enquanto os meses passam, faze de conta que estás no teatro, entre um ato e outro, conversando. Lá dentro preparam a cena, e os artistas mudam de roupa. Não vás lá; deixa que a dama, no camarim, ria com os seus amigos o que chorou cá fora com os espectadores. Quanto ao jardim que se está fazendo, não te exponhas a vê-lo pelas costas; é pura lona velha sem pintura, porque só a parte do espectador é que tem verdes e flores. Deixa-te estar cá fora no camarote desta senhora. (...)

### **- Metalinguagem:**

## CAPÍTULO LV "A MULHER É A DESOLAÇÃO DO HOMEM"

(...)

Tal foi a conclusão de Aires, segundo se lê no Memorial. Tal será a do leitor, se gosta de concluir. Note que aqui lhe poupei o trabalho de Aires; não o obriguei a achar por si o que, de outras vezes, é obrigado a fazer. O leitor atento, verdadeiramente ruminante, tem quatro estômagos no cérebro, e por eles faz passar e repassar os atos e os fatos, até que deduz a verdade, que estava, ou parecia estar escondida.

### **- Prosa reflexiva:**

## CAPÍTULO XLVIII TERPSÍCORE

Nenhuma dessas coisas preocupava Natividade. Mais depressa cuidaria do baile da ilha Fiscal, que se realizou em novembro para honrar os oficiais chilenos. Não é que ainda dançasse, mas sabia-lhe bem ver dançar os outros, e tinha agora a opinião de que a dança é um prazer dos olhos. Esta opinião é um dos efeitos daquele mau costume de envelhecer. Não pegues tal costume, leitora. Há outros, também ruins, nenhum pior, este é o péssimo. Deixa lá dizerem filósofos que a velhice é um estado útil pela experiência e outras vantagens. Não envelheças, amiga minha, por mais que os anos te convidem a deixar a primavera; quando muito, aceita o estio. O estio é bom, cálido, as noites são breves, é certo, mas as madrugadas não trazem neblina, e o céu aparece logo azul. Assim dançarás sempre.

### **- Caráter antinarrativo:**

Capítulo CXIX – Que anuncia os seguintes

Todas as histórias, se as cortam em fatias, acabam com um capítulo último e outro penúltimo, mas nenhum autor os confessa tais; todos preferem dar-lhes um título próprio. Eu adoto o método oposto; escrevo no alto de cada um dos capítulos seguintes os seus nomes de remate ... (...) Não é trem nem barco; é uma história simples, acontecida e por acontecer; o que poderás ver nos dois capítulos que faltam e são curtos.

### **- Intertextualidade:**

## CAPÍTULO CXXI ÚLTIMO

Castor e Pólux foram os nomes que um deputado pôs aos dois gêmeos, quando eles tornaram à Câmara, depois da missa do sétimo dia. Tal era a união que parecia aposta. Entravam juntos, andavam juntos, saíam juntos. Duas ou três vezes votaram juntos, com

grande escândalo dos respectivos amigos políticos. Tinham sido eleitos para se baterem, e acabavam traindo os eleitores. Ouviram nomes duros, repreensões acerbas. Quiseram renunciar ao cargo; Pedro, entretanto, achou um meio conciliatório.

**PROFESSOR SINVAL SANTANA – SINVAS**

**Professor do Grupo Olimpo/Goiânia e dos Colégios Medicina e Desafio,  
Coordenador do site Guia de Linguagens/[www.guiadelinguagens.com.br](http://www.guiadelinguagens.com.br). Graduado  
em Letras pela PUC-Goiás.**